

UM POLIEDRO DE BAMBU NA PRAÇA DE AULAS

Maio/2025

Casinha do Imargem e Praça de Aulas

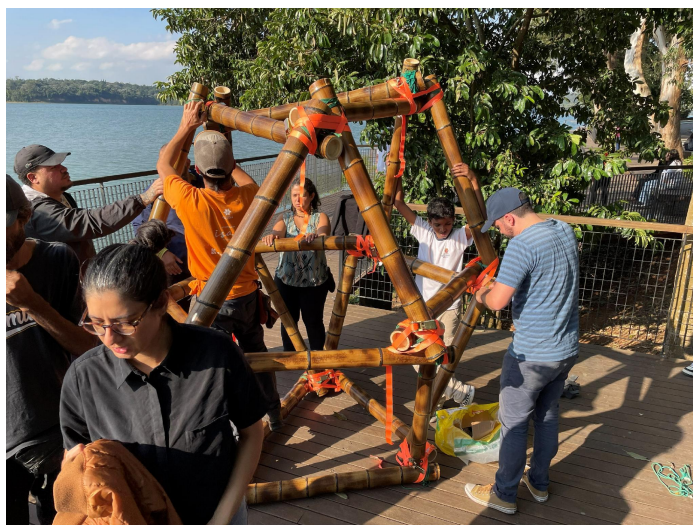
A Praça é um lugar de cocriação, alguns encontros estiveram dedicados a pensar dispositivos que contribuíssem para a ativação da Praça com os seguintes pressupostos: fácil montagem, manejo e armazenamento. O desejo coletivo passou por bancos modulares e tela de cinema (presente no Bloco 4 “Inventar um Mundo”), mas foi na materialidade e leveza do bambu que encontramos respostas para propor instalações artísticas em diálogo com a paisagem.

Antecedendo o fazer, considerou-se importante incursões para entender os processos de plantio, coleta e preparo do bambu junto aos habitantes da região, dialogando sobre a relação entre a planta, o cuidado com a água, as bacias da represa e suas possibilidades como material construtivo para mobiliário ou edificações arquitetônicas.



O curso foi dividido em três momentos. Primeiramente, foi desenvolvido um modelo em escala para definir o desenho do objeto a ser construído. Em seguida, iniciou-se a construção dos módulos. Por fim, realizou-se a montagem e ocupação do poliedro na margem da represa no dia 30 de maio. No processo coletivo de criação do mobiliário, elaborou-se um modelo em escala utilizando palitos como representação do bambu e ligas elásticas para a amarração dos nós estruturais. Esse processo foi significativo para refletir sobre os materiais utilizados, sua técnica ancestral baseada em amarração e sobre o módulo como método de pensamento construtivo-colaborativo.

Durante o processo construtivo, foi fundamental perceber modos de manipular e modular o bambu. Esse foi um processo no qual a força manual e a compreensão do sentido dos nós foram essenciais, uma tecnologia acessível de ser aprendida pela observação e pelo interesse comum. Formaram-se duplas para se posicionaram em cada canto do quadrado (módulo) e avançaram de forma conjunta e se orientando mutuamente para garantir a eficiência dos nós e a tensão necessária para a firmeza das amarrações.



A forma foi surgindo aos poucos — essa figura geométrica complexa começou a despertar emoções nas crianças, provocando interpretações matemáticas e perguntas curiosas: O que é? Para que serve? Essa forma resiste? Seguimos fixando cuidadosamente cada vértice do poliedro, amarrando com firmeza e buscando a tensão necessária para que pudesse sustentar seu uso. Uma vez montada e revisada, iniciamos a brincadeira. Uma das crianças encorajou a todos e subiu

espontaneamente ao primeiro nível; outra, de maneira sensível, tirou as meias e escalou até a parte mais alta como se estivesse subindo em uma árvore. O grupo observava, enquanto outros ajudavam a sustentar a estrutura, garantindo que os nós cumprissem sua função. Em poucos minutos, as crianças estavam sobre o poliedro de bambu, o sol se punha sobre a represa Billings, e a água refletia o brilho da cena: um bambu transformado coletivamente em forma de poliedro.

